

## **As tessituras micropolíticas do cotidiano como possibilidade de inclusão de uma criança autista na sala de aula regular**

Matheus Modesto de Azevedo<sup>1\*</sup>;

<sup>1</sup>*Professor do Ensino Fundamental I – Secretaria Municipal de Educação de Miracema - RJ;*

\* [matheusmodestodeazevedo@hotmail.com](mailto:matheusmodestodeazevedo@hotmail.com)

### **Resumo**

As diversas interlocuções produzidas nesse trabalho têm como ponto de partida a recepção de uma criança autista na sala de aula regular do ensino público. A diversidade torna a escola lócus de relevantes tensões, uma vez que diante de situações de enfrentamento em casos complexos, há que se (re) repensar a escola em sua nova configuração: INCLUSÃO. Atrelado a uma literatura coadunante a temas relativos ao campo da Educação Especial/Inclusiva e a questão do autismo junto a uma metodologia qualitativa de Estudo de Caso, esse trabalho desenhou-se na tentativa de defender a escola que enxerga no autismo, parte da diversidade que a constroe, tendo em seu fundamento o direito de aprender em convivência com as demais subjetividades. A responsabilidade docente junto às tessituras inerentes ao cotidiano da escola cumprem papel de desconstruir com a lógica segregacionista, fissurada na homogeneidade e transforma a escola, resgatando a completude do humano, produzindo vida.

**Palavras-chave:** Autismo, Ensino Regular, Micropolíticas do Cotidiano, Inclusão.

### **1. Introdução**

O encontro com uma criança autista no interior de uma escola pública, permitiu a partir de complexidade inscrita nas relações estabelecidas no cotidiano, provocar interlocuções que conduziram-nos a uma pontual necessidade de repensar casos de enfrentamento às crianças com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento, superdotação ou altas habilidades.

O ponto de partida desse trabalho, encontra nas normativas nacionais e internacionais, lugares de uma urgente transformação dos espaços institucionais escolares, não apenas de arquitetura física, mas mentalidade, entendendo que se existe um modelo de escola que (re)produza exclusão e preconceitos, essa se evidencia nesse tempo obsoleta.

Com o advento da Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994) <sup>[1]</sup>, observamos claramente vias de instituição de uma nova escola, a escola inclusiva, demarcando a garantia de direito de qualquer criança com alguma deficiência a frequentar a escola. Extraímos a partir da leitura desse documento que a escola inclusiva enquanto um princípio fundamental, apologeta que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. A escola inclusiva, deve então, reconhecer, bem como responder às necessidades de cada um de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem, sempre assegurando uma educação de qualidade a todos, usando como meios: currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com as comunidade.

Nesse sentido, a reflexão crítica empreendida nesse ensaio, entende que o crédito na inclusão de crianças com alguma singularidade, tem na escola inclusiva lugar de desconstrução da impossibilidade de acesso, permanência e sucesso, uma vez que independente de suas individualidades físicas, cognitivas ou de outras naturezas, a diversidade humana é um construto identitário e inegável.

O autismo na escola, dotado de uma singularidade que se apresenta como um lugar de grande desafio, sobretudo no campo do lidar, constitui na contemporaneidade uma demanda de sensibilidade, estudos constantes e aplicações incansáveis de produção de tecnologias que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem. Baptista e Bosa (2007) <sup>[2]</sup>, salientam que, apesar de até hoje, ninguém dizer ao certo e de forma indiscutível o conceito de autismo, existem tres áreas do desenvolvimento que se encontram comprometidas para a caracterização dos casos, são eles: o relacionamento social, o uso da linguagem para a comunicação e certas características de comportamento e estilo envolvendo características repetitivas ou perseverativas sobre um número limitado, porém intenso, de interesses. O caso apresentado traz algumas das características supracitadas.

Esse trabalho entende a criança autista como um sujeito individual, enriquecida de potencializadas, em que denominação não deve ser ‘autista’, mas Pedro, Maria, João... uma criança um sujeito, um diverso. Dentro dessa lógica, colocamos ao lado alguns mecanismos, afim de compreender que antes de sua diferença existe uma pessoa. Os Manuais diagnósticos, os instrumentos psicométricos, as classes de escolarização especiais, tendem a assumir lugares que reduzindo os sujeitos, produzem estigmas e exclusão. Para uma tentativa de dar ao sujeito uma experiência de si e suas potencialidades, procuramos ‘ir ao encontro do Outro’ como uma abordagem de trazer completude ao humano, esperança aos processos de ensinar e aprender caracterizados pelo heterogeneidade que considere os heterogeneos, e de modo mais profundo a possibilidade de no cotidiano escolar composto de inúmeras problemáticas, encontrar no microscópico, transformações significativas, pelo sentido da docência no século XXI frente a diversidade na escola pública ( RODRIGUES, 2013) <sup>[3]</sup>.

“Tudo é político, mas toda a política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 99) <sup>[4]</sup>. A macropolítica é fundamental dentro da construção de nossas vidas, da sociedade, sendo importante no exercício de inúmeras condições da vida e suas necessidades. As micropolíticas como fundamentação teórico nesse ensaio tem evidencia maior, por a entendermos como significante para as transformações no cotidiano da sala de aula regular, traçando um horizonte de espeçanca na trajetória demarcada de um sujeito estigmatizado, dessa forma, nas tessituras do cotidiano escolar, as micropolíticas constituem tramas potentes, desconstruindo com caminhos interessadas na produção de subjetividade, que dentro do aprender, do ser, do comportar, buscam lugares categóricos e patológicos.

## **2. Materiais e Métodos**

### **2.1. Materiais**

A pesquisa descrita tem um uma escola municipal de uma cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro em uma classe regular do ensino infantil, lócus onde uma criança autista, Maria (nome fictício) apresenta-se a escola enquanto um caso de enfrentamento ante seu processo de inclusão na escola.

### **2.2. Metodologia**

Adjetivada por uma pesquisa qualitativa, desenha-se por um estudo de caso, que de modo geral, justifica-se por ser um estudo de um objeto com mais profundidade, e que, torna possível de forma ampla e com riquezas de detalhes o conhecimento relacionado ao evento a

ser investigado, sendo um exercício difícil e impossível se alicerçado em outros métodos de exploração, conforme elucidam Goode e Hatt (1973) <sup>[5]</sup>.

### **3. Resultados e Discussão**

No encontro com a criança a qual trabalhamos inseridos nas micropolíticas que tecem o cotidiano na tentativa de estimular, sobretudo as áreas do desenvolvimento que tem prevalência de comprometimento dentro do autismo, obtivemos uma considerável transformação, uma vez as experiências simples e corriqueiras do cotidiano escolar, dentro de um currículo ‘amolecido’ e antiburocrático expandiu o leque de possibilidades e avanços significativos junto as singularidades daquele sujeito.

A disposição às tarefas, o entusiasmo em participar da rotina da sala de aula, a necessária concentração ou euforias próprias dos momentos na escola, são pontos de externalizar algumas das conquistas alcançadas dentro das condições que Maria se colocava.

Maria, uma criança muito inquieta, apesar de muito apática a todo o ambiente da sala de aula, inerte e sem estabelecimento de comunicação, começava a dar sinais mínimos de mudança, sobretudo quanto à brincadeira, que como meio de aprendizagem era colocada nas mais diversas tarefas. Desejava sempre participar de tudo quanto fosse jogos, brinquedos e brincadeira, se propunha a sempre estar junto de seus colegas, e mesmo que a brincadeira exigisse mais contato, ou trocas, ela não se acanhava, mas estava sempre disposta, comportamento que anteriormente a mesma demonstrava resistência.

A escola se torna para Maria, um sujeito, um tanto que estranho, agora um lugar de construção de significados pelo afeto. Por isso, como resultados, considerando a responsabilidade docente, atreladas às micropolíticas que tecem o cotidiano escolar instrumentos para a reinvenção da escola, defrontando assim, com modelos de escola que não dão humanidade aos seres que nela se encontram.

A escola em seus atores que a constroem (professores, auxiliares, orientadores pedagógicos, gestão escolar), tendo papel relevante nesses, a figura do professor, junto a família e aos serviços de saúde tiveram papel de tornar mais potentes o que era julgado como situação complexa de enfrentamento. Há que se ter nessas redes, ligações tão amplamente colocadas que esses sejam capazes de promover um diálogo de retorno, acréscimos e trocas, afim de dar ao sujeito dignidade, esperança e qualidade de vida.

### **4. Conclusões**

A inclusão de crianças autistas na sala de aula regular do ensino público rompe com a lógica excludente de isolar sujeitos com atravessamentos cognitivos que tornam complexas as relações que se produzem no cotidiano escolar. Entender a escola inclusiva como uma escola que está em construção é compreender que essa escola abre-se a acolhida dos diferentes e dentro de suas particularidades potencializam seus saberes, bem como aos demais que estão no interior da sala de aula.

Incluir é um caminho, por isso não está dado, definido. Incluir é ir, nesse sentido, é necessário propor perspectivas inclusivas em educação, afim de ressaltar o caráter construtivo e não pronto da inclusão.

A responsabilidade docente tem efetividade pelo crédito no sentido de ensinar frente a diversidade nesse tempo, por demarcar o caráter fundamental da escola, que é o ensino e seus sujeitos que possuem tempos, modos, singularidades de aprendizagem, bem como no ser, no



sentir. A determinação de tempo, níveis, formas de aprender únicos, operam na contramão da inclusão, uma vez que, a diversidade humana adjetiva todos os sujeitos aprendizes.

Micropolíticas dentro de perspectivas inclusivas em educação configura uma alternativa à modelos escolares obsoletos, exclusivos. Se portanto, no encontro com a diferença dentro de macropolíticas há burocracias, nas micropolíticas há afeto e efeito, onde tudo por ser feito, rumando a transformação das situações imutáveis em esperançosas.

### Referências

- [1] BRASIL, MINISTÉRIO DA AÇÃO SOCIAL. Coordenadoria Nacional Para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: MAS/CORDE, 1994.
- [2] BAPTISTA, Claudio Roberto & BOSA, Cleonice. **Autismo e Educação - Reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmet, 2007.
- [3] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- [4] RODRIGUES, M. G. A.. Reflexões em torno do Sentido da Docência Frente à Diversidade na Escola Pública do Século XXI. In: ANDRADE, Everardo Paiva de. (Org.). **A formação de professores pela mão dos formadores: política, currículo e cotidiano nas licenciaturas da UFF**. Niteroi: EDUFF, 2013, v. , p. 56-72.
- [5] GOODE, W., & HATT, P. (1973). **Métodos em pesquisa social**. São Paulo, SP: Nacional.